FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

75

INSCRIÇÕES 330-335

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2004

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, *no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.*

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal Nº 21216/88

330

STÈLE FUNÉRAIRE D'EIRAS VELHAS, HORTA DE VILARIÇA
(*Conventus Bracaraugustanus*)

Partie inférieure d'une stèle funéraire en granit à gros grain, trouvée en 1984 au lieu-dit «Eiras Velhas», Horta deVilariça, Torre de Moncorvo, lors de travaux dans une propriété privée, et conservée en août 1987 dans une salle municipale du centre commercial de Torre de Moncorvo, où nous l'avons étudiée et photographiée. Le champ épigraphique se présente sous la forme d'un panneau rectangulaire en creux. Sous l'inscription on ne note aucune trace de décor. Les lettres, sont profondément gravées. La ponctuation, de type syllabique, est signalée par des points circulaires. Conservée aujourd'hui au Museu do Ferro e da Região de Moncorvo, à Torre de Moncorvo.

Dimensions: (75) x 53 x 24.

Champ épigraphique: (29) x 40.

[...]GET · AE / VXS(ori) · CRIS·PI / NVS · CRISPI / F(*aciendum*) · C(*uravit*) ·

A [---]geta, son épouse, Crispinus, (fils) de Crispus, a pris soin de faire faire (ce monument).

Hauteur des lettres: l. 1: 5,2/5,6; l. 2: 4,8/5,3; l. 3: 5,1/5; l. 4: 4,5/5,4.

Il ne manque au plus que la formule initiale aux dieux Mânes, si elle était présente, ce qui est le plus souvent le cas dans la région. Le nom de la défunte fait penser à *[Ton]·get·a* car la lacune initiale est de trois lettres et non de deux, ce qui exclut par exemple *[Ve]geta*. *Tonceta/Tongeta* est caractéristique de la Lusitanie centrale plus que

du conventus de *Bracara Augusta*[1], situé en Espagne citérieure, ce qui suggère un déplacement. Le dédicant porte un nom unique latinisé bien attesté, *Crispinus*, diminutif de *Crispus*, «frisé». Une inscription de la même zone, insérée dans le mur de la chapelle de Roncal[2], est dédiée à un CRIS(...), malheureusement de nom abrégé. Outre l'origine de la défunte, la question posée est celle du statut de *Crispinus Crispi* qui omet le *f.* de *filius*: dans la mesure où des épitaphes comparables associées à un milieu rural mentionnent la filiation, il est prudent de se demander si l'on n'aurait pas affaire à un esclave ou à un affranchi de pérégrin. Le nom unique de l'épouse ne contredit pas l'idée d'un milieu d'origine servile. Reste que le nom *Crispinus* est dérivé de *Crispus*, ce qui n'autorise pas à exclure totalement un père et son fils mais n'est pas non plus contraignant pour privilégier une filiation directe. Les dimensions du monument, relativement imposantes pour une stèle de ce type et qu'il convient de ne pas exagérer, indique la recherche d'une visibilité dans la mort qui rappelle aussi l'attitude de nombreux esclaves et affranchis dans les cités provinciales sous l'Empire. L'absence de l'âge n'est pas étonnante et ne comporte aucune valeur chronologique dans la série des inscriptions funéraires de la région. D'après les critères formels, en particulier la ponctuation syllabique et la présence vraisemblable de *DM* au début du texte, le document pourrait dater de la fin du IIe ou des premières décennies du IIIe s. p. C., datation que ni les critères paléographiques, ni le matériau, ni la physionomie de la stèle, tronquée en haut qui plus est, ne permettent de préciser ou de confirmer.

P. Le Roux
A. Tranoy

---

[1] J. Abascal Palazón, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania (NPILH)*, Murcie, 1994, p. 530.

[2] Encore inédite, elle sera publiée dans le corpus Petrae des inscriptions du Trás-os-Montes en préparation.

FOTO: Augusto Lemos

330

331

ARA DA ERMIDA DE NOSSA SENHORA DE MÉRCOLES (CASTELO BRANCO)

Ara, de granito de grão médio, que veio à superfície quando, em 1999, se procedeu à abertura de valas no adro da ermida de Nossa Senhora de Mércoles, templo situado na periferia rural da cidade de Castelo Branco[1]. Encontra-se, actualmente, à guarda da comissão fabriqueira. O monumento, muito danificado, conserva parte do capitel moldurado. A fractura, antiga, a que foi sujeito não possibilitou que se conservasse a base e parte do fuste epigrafado, revelando-se infrutuosas as tentativas que efectuámos por entre as terras para encontrar o fragmento em falta.

Dimensões: 50 x 31 x 22.

Campo epigráfico: 37 x 21.

BOVTIA[E] / TANGINI · F(*iliae*) / PROPTER (*salutem?*) / [P]ALARVS / QVADRATVS ET [… … / … … / …]

Por causa (da saúde?) de Boutia, filha de Tangino, Palaro, Quadrado e (…? seus filhos?... erigiram esta ara ao deus?...)

Altura das letras: l. 1: 3,5/4; l. 2: 3/3,5; l. 3: 3,5/4; l. 4: 3,5/4; l. 5: 2,5/3; l. 6: 2,5/3.

---

[1] Conjuntamente com este monumento veio à superfície um conjunto de elementos arquitectónicos (silhares rectangulares almofadados, silhares com marcas de fórfex, aduelas, fragmentos de tégulas) indiciadores da presença de uma estrutura romana. A descoberta desta ara poderá corroborar a hipótese, presente em quase todos os estudiosos do local, de que a actual capela se teria sobreposto a raízes sagradas temporalmente mais longínquas que o Cristianismo.

Espaços: 1: 2/2,5; 2 e 3: 1/1,5; 4: 2/2,5; 5 a 7: 1/1,5.

O mau estado de conservação do monumento não permite verificar se no capitel, eventualmente, esteve gravado o teónimo. Todavia, se integrada num santuário, o mesmo poderia estar omisso. A leitura é difícil: na 4ª linha ainda se apercebe a pança do P, mas na 7ª linha não se consegue qualquer leitura.

Boutius e *Tanginus* constituem dois antropónimos mais comuns na epigrafia romana da região[2]; *Palarus*, que já se conhecia na região de León, passa agora também a fazer parte do reportório onomástico regional; *Quadratus* é *cognomen* latino com alguma utilização peninsular em ambientes indígenas, o que indicia a progressiva latinização da população[3]. E com esta mesma aculturação se poderá relacionar a utilização, neste monumento e excepcionalmente, da preposição *propter* — realidade que, afastandose da linguagem epigráfica comum, simples e directa, evidencia o assumir de um 'tique linguístico', reproduzindo epigraficamente um índice cultural mais próximo do complexo cultural dominante.

Pelas suas características formais e paleográficas, é provável que este monumento seja do século II.

F. Patrício Curado
Pedro Salvado
Sílvia Moreira
Manuel Leitão

[2] D. Fernando de Almeida, *Egitânia, História e Arqueologia*, Lisboa, 1956; João L. Inês Vaz, «Inscrições romanas do Museu do Fundão», *Conimbriga*, XVI, 1977, p. 6-31.

[3] Real, Artur Corte, «Epitáfio de *Quadratus (Aegitania)», Ficheiro Epigráfico*, 34, 1990, 154.

331

332

PLACA FUNERÁRIA DE S. VICENTE DA BEIRA (CASTELO BRANCO)

O presente estudo refere-se a uma placa funerária romana, de granito da região, descoberta em meados de Dezembro de 2004, na povoação de S. Vicente da Beira, concelho de Castelo Branco, quando se procedia a obras de recuperação de uma casa no largo da igreja matriz. Encontra-se na posse do GEGA (Grupo de Estudos e Defesa do Património Cultural e Natural da Gardunha), a cujos membros desde já agradecemos todas as informações prestadas sobre a descoberta do monumento.

Inscrição relativamente bem conservada, apresentando-se fragmentada na parte superior, motivo pelo qual não permite uma total leitura da primeira linha. Campo epigráfico rebaixado, limitado por uma moldura dupla.

Dimensões: 66 x 25 x 18.

Campo epigráfico: 52 x 20.

[…] MATRI / SVAE CVTECE AVNI/AE LIB(*ertae) (hedera)* F(*aciendum)* C(*uravit)*

[…] à sua mãe, Cuteca, liberta de Áunia, mandou fazer […]

Altura das letras: l. 1: 4,5/5; l. 2: 4,5/5. Espaços: 1: 1; 2: 2; 3: 4.

Texto regularmente distribuído pelo campo epigráfico, com alinhamento à esquerda. Na l. 1, apenas se conseguiu identificar na parte final MATRI. Na l. 2, a distribuição dos caracteres pelo espaço existente foi mal calculada, pelo que houve necessidade de encostar o I à moldura. Na l. 3, temos uma *hedera* como ponto de separação.

Faltando na epígrafe uma ou duas linhas, apenas é possível identificar dois antropónimos. *Cutece* aparece aqui pela primeira vez e poderá estar por *Cutaecae,* nome que se regista no masculino em Idanha-a-Velha[1] e Penamacor[2]. *Aunia* é nome já documentado na Península[3] e que se identificou também na epigrafia de Idanha-a--Velha[4].

A ausência da invocação aos deuses Manes e a paleografia permitem datar este monumento dos finais do séc. I ou princípios do II[5].

MANUEL LEITÃO
SÍLVIA MOREIRA

332

[1] ILER 3758.

[2] Fernando Patrício CURADO, «Fragmento de cipo funerário de Penamacor», *Ficheiro Epigráfico,* nº 13, 1985, inscrição 58.

[3] Maria de Lourdes ALBERTOS, «Nuevos antropónimos hispanicos», *Emerita,* tomo XXXII, fasc. 2º, 1964, p. 228.

[4] ILER 3992a.

[5] Agradecemos ao amigo e mestre Professor José d'Encarnação o auxílio prestado na elaboração desta notícia.

333

PLACA FUNERÁRIA DE CASTELO BRANCO

Placa identificada, em 1999, pelo jornalista José Santolaya, numa parede interior, na qual ainda se encontra inserida, de um dos edifícios pertencentes ao antigo quartel de cavalaria de Castelo Branco. Considerando a origem dos materiais construtivos deste equipamento militar, é possível que a epígrafe seja proveniente da antiga muralha medieval de Castelo Branco, começada a ser desmontada a partir da segunda metade do século XIX.

Monumento, de granito de grão médio, em mau estado de conservação. O campo epigráfico apresenta-se bastante desgastado por escamação do material de suporte. Considerado na sua totalidade, estamos perante um trabalho epigráfico pouco cuidado.

Dimensões: 71 x 42.

ARCO · TVRE/NI · F(*ilius*) · ET · TA/NGIN[A] · BEALO/NI · F(*ilia*) · H(*ic*) · S(*ita*) · E(*st*)

Aqui jaz *(sic)* Arcão, filho de Turénio, e Tangina, filha de Bealónio.

Altura das letras: l. 1: 6; l. 2: 7,5; l. 3 e 4: 6. Espaços: 1: 2/1,5; 2: 3/3,5; 3: 3/2,5; 4: 3,5; 5: 3,5/4.

Bloco sem preparação prévia, texto sem alinhamento lateral, verbo empregue no singular. Contudo, e apesar da rusticidade do monólito, o lapicida utilizou elegantes *puncti distinguentes*, em forma de tríscelos, na composição do texto.

Se *Arco* já consta do repertório onomástico regional, *Tanginus* é vulgaríssimo. Como unidade suprafamiliar, nas proximidades do Rosmaninhal, identificaram-se uns *Tanginici* vinculados à divindade

indígena *Arantius Tanginiciaecus*. *Turenius*, presente em regiões peninsulares mais setentrionais (HAE 900), é agora identificado aqui pela primeira vez. *Bealonus /Bealonius* (nom.) não consta do *corpus* epigráfico da região. É provável que estejamos perante a variante gráfica de um regionalismo fonético do antropónimo indígena *Bellonius*, identificado apenas uma vez, na região germânica (CIL XIII 6488).

Pelo uso do nominativo, ausência de dedicatória aos Manes e também pela paleografia, será provavelmente da segunda metade do século I.

F. Patrício Curado
Pedro Salvado
Sílvia Moreira

334

MARCO DE PROPRIEDADE (?), CASTELO BRANCO

Monólito de forma cilíndrica, de granito de grão grosso, proveniente da base do Monte de S. Martinho, relevo que domina um vasto território onde se identificou um conjunto de arqueossítios cronologicamente enquadrados entre a Idade do Bronze e a Alta Idade Média.

A peça foi encontrada na propriedade do Sr. Manuel Antunes, conjuntamente com outros materiais datáveis do período romano e posteriormente oferecida ao Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo Branco, onde se encontra depositada.

Superfície epigráfica não preparada, apresentando mau estado de conservação devido a sulcos de lavras antigas, pelo que uma leitura segura é extremamente difícil.

Dimensões: 50 x 25 (diâm.).

CALAITI (?) / CALVI (*filii ?)*

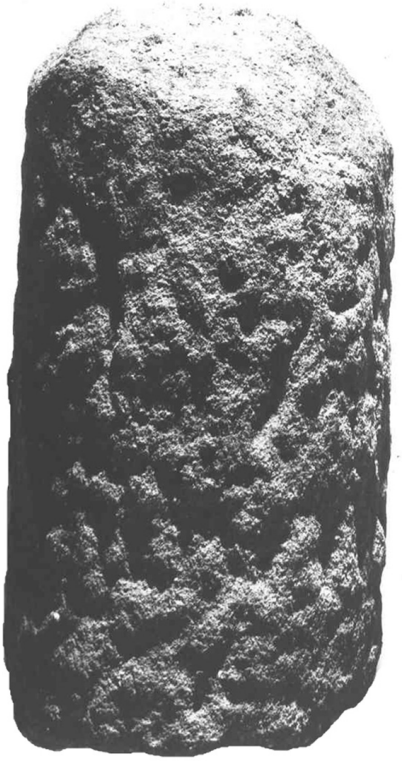
De Calaito, filho de Calvo.

Altura das letras: l. 1: 4,5/5; l. 2: 5,5/6. Espaços: 1: 7/7,5; 2: 3/3,5.

Texto orientado da esquerda para a direita com letras de tamanho desigual.

O antropónimo *Calaetus* / *Calaitus* encontra-se já identificado em Idanha-a-Velha. *Calvus* é cognome latino. Não se vislumbra qualquer outra utilização, para além de, possivelmente, estarmos perante um marco de propriedade.

F. Patrício Curado
Sílvia Moreira
Pedro Salvado



334

335

ARA VOTIVA DE ANTAS, PENALVA DO CASTELO

Árula que se encontra actualmente na residência paroquial de Antas, concelho de Penalva do Castelo. Existe, na área da actual paróquia da Matela, anteriormente pertencente à paróquia das Antas, o topónimo "Quinta de Bandufe" que poderá ser uma persistência do nome da divindade na toponímia local. Pensamos que a inscrição poderia ter sido achada nesta área e oferecida ao pároco que a trouxe para a sua residência nas Antas[1].

Trata-se de uma árula votiva de que apenas se conserva a parte superior, notando-se um profundo desgaste das faces laterais. A parte inferior do capitel é decorada por um duplo listel, em continuidade com o da moldura superior do fuste. No cimo do capitel nota-se levemente o arranque de volutas e do fóculo circular.

O campo epigráfico é rebaixado e encimado por uma moldura de duplo listel.

Dimensões: 16,5/20 x 13/17 x 28,5.

Campo epigráfico: 16 x16,5.

BANDEI / VIRCAV/[I]...

A Banda dos Vircaos...

Altura das letras: l. 1: 3,8; l. 2: 4,2. Espaços: 1: 2,5; 2: 1,7-2.

Tendo em consideração a inscrição proveniente de Orjais, Covilhã[2], a única conhecida em que o nome da divindade termina em

---

[1] Agradecemos ao Pe. José Pedro da Costa Matos o nos ter comunicado a existência desta epígrafe, assim como ao Prof. Doutor João da Inês Vaz pelo apoio no estudo da mesma.

[2] Encarnação, José d' (1975) — *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal: Subsídios para o seu estudo.* Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, p. 125-126.

–ei[3] , consideramos que a terminação do epíteto deve ser semelhante ao daquela, ou seja em *–ui*; à semelhança do epíteto da inscrição de Queriz, Fornos de Algodres[4].

O nome da divindade é sobejamente conhecida e por isso remetemos para a recente síntese publicada por Javier de Hoz Bravo e Fernando Fernández Palacios (2002, 45-52).

Relativamente ao epíteto, para o qual não conhecemos qualquer paralelo, deverá ter, com certeza, um carácter tópico relacionado com um grupo suprafamiliar, os *Vircaui*.

A inscrição insere-se numa área geográfica onde se conhecem mais duas inscrições dedicadas à mesma divindade, a de Esmolfe (Vaz, 1997, 204) e Queiriz (Vaz, 1997, 205) o que vem confirmar a importância deste culto na área oriental da *civitas* de Viseu.

PEDRO PINA NÓBREGA

335

[3] HOZ BRAVO, Javier de & FERNANDEZ PALACIOS, Fernando (2002) — "Band-" in RIBEIRO, José Cardim (Coord.) — *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 2002 [Catálogo da Exposição], p. 48-49.

[4] VAZ, J. L. Inês (1997) — *A Civitas de Viseu. Espaço e Sociedade*, Coimbra, p. 205.